



## **ESTILOS DE APRENDIZAGEM: A EVOLUÇÃO EPISTÊMICA DE SEU CONCEITO**

Cristiane Lucia da Silva; Jobson Alves dos Santos; Maria Auxiliadora Soares Padilha

*(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco/Universidade Federal de Pernambuco, [cristiane.silva@cabo.ifpe.edu.br](mailto:cristiane.silva@cabo.ifpe.edu.br); Universidade Federal de Pernambuco, [jobsonalves2001@hotmail.com](mailto:jobsonalves2001@hotmail.com); Universidade Federal de Pernambuco, [dorapadilha@gmail.com](mailto:dorapadilha@gmail.com))*

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo analisar a evolução do conceito dos estilos de aprendizagem, por meio de um viés epistemológico, no qual o sujeito cognoscente está envolto no processo de ensino e de aprendizagem. Neste trabalho privilegiamos os estilos de aprendizagem com base na experiência, categoria na qual se encaixam as definições de estilos que levam em consideração a experimentação, a prática, os aspectos sociais e o descobrimento por meio dos sentidos. Por termos uma perspectiva histórica ao analisarmos a evolução de tais conceitos, selecionamos a pesquisa bibliográfica, por ser um modo eficaz de conhecer e analisar tais conceptualizações por meio de livros e artigos originais. Existem diversas definições para o conceito de estilo de aprendizagem, portanto é muito difícil encontrarmos uma definição única que traduza ou explique adequadamente aquilo que é comum a todos os estilos de aprendizagem encontrados na literatura atual. Esta dificuldade se deve ao fato de se tratar de um conceito que vem sendo abordado a partir de perspectivas bem diferentes. Geralmente, a maioria dos autores aceita que o conceito de estilo de aprendizagem se refere basicamente a marcas ou modos pessoais que indicam as características e as maneiras de se aprender. É impossível definirmos qual seria o melhor conceito, já que dependendo da contextualização um ou outro poderia ser o mais adequado, no entanto o aprofundamento deles se faz necessário a fim de que os compreendamos de modo mais claro no que se refere à parte conceitual, teórica e metodológica para quem esteja interessado nesse tema.

**Palavras-chave:** estilos de aprendizagem, epistemologia, conceptualização, evolução.

### **Introdução**

O referido artigo propõe estabelecer um diálogo - entre autores que datam entre 1923 e 2002 - sobre o conceito dos estilos de aprendizagem, por meio de um viés epistemológico, no qual o sujeito cognoscente está envolto no processo de ensino e de aprendizagem. Sobre a ótica de diversos teóricos - por exemplo: Kolb, 1971; Dunn, 1983; Felder, 2002 - tomaremos como base de análise conceitual seus estudos desenvolvidos ao longo dos anos. Lançaremos um olhar sobre a visão dos referidos autores que se dispuseram a pesquisar sobre tal temática nesse espaço de tempo acima mencionado. Nossa perspectiva será de levantarmos um arcabouço teórico desses pesquisadores que colaboraram, criaram ou ampliaram as discussões teóricas dessa temática em tela.



Sabemos que existem diversas possibilidades de se construir o aprendizado, porém a temporalidade estabelecida para que os sujeitos o desenvolvam é colocada muitas vezes como um atravanco para se atingir o objetivo real que é o de aprender, tendo em vista as relações existentes no processo de ensino e de aprendizado. Percebe-se que tal processo ultrapassa as relações temporais pré-definidas, pois esse fenômeno está permanentemente na vida dos sujeitos.

Também vale salientar que tal relação de aprendizado não se coloca para os sujeitos de maneira uniforme e pasteurizada, mas sim, de forma singular e bem distinta uns dos outros, pois os sujeitos epistêmicos possuem características bem peculiares que vão delineando seu perfil ou estilo de aprendizagem, isso é o que os pesquisadores em questão constataram em suas pesquisas ao longo dos anos.

Ora, já que os sujeitos possuem diferentes formas de aprender com tempos distintos e intensidade diversa, emerge a necessidade de pluralizar as estratégias didáticas adotadas pelos docentes, com vistas a alcançar um aprendizado significativo (MEZZARROBA, 2009).

Tal diversificação visa contemplar os respectivos estilos de aprendizagem dos estudantes, mas essas estratégias podem atender vários estilos de aprendizagens e promover o equilíbrio entre as preferências no que concerne aos estilos investigados.

## **Metodologia**

Por termos uma perspectiva histórica ao analisarmos a evolução dos conceitos dos estilos de aprendizagem, selecionamos a pesquisa bibliográfica, por ser um modo eficaz de conhecer tais conceptualizações (GIL, 2002).

“Realizar uma pesquisa bibliográfica faz parte do cotidiano de todos os estudantes e pesquisadores. É uma das tarefas que mais impulsionam nosso aprendizado e amadurecimento na área de estudo. Atualmente, as bibliotecas digitais têm facilitado e simplificado muito essa tarefa, pois trazem recursos de busca e cruzamento de informações que facilita a vida de todos” (TRAINA; TRAINA Jr., 2009, p. 30).

Ao realizarmos o levantamento bibliográfico pela internet, percebemos que existem inúmeros artigos, textos, livros, entre outros que abordam este tema, porém para não correremos o risco de usarmos fontes secundárias e comprometermos a qualidade de nosso artigo, nos utilizamos de livros e artigos originais.



## A origem epistêmica dos estilos de aprendizagem: de 1923 até 2002

Ao analisarmos os estilos de aprendizagens, percebemos várias possibilidades nas quais o sujeito tem de dialogar com o objeto em questão e produzir o conhecimento. Uma delas é a de Richard M. Felder (2002), na qual ele afirma que alguns aprendizes epistêmicos tendem a focalizar mais fatos, dados e algoritmos enquanto outros se sentem mais confortáveis com teorias e modelos matemáticos. Alguns também podem responder preferencialmente a informações visuais, como figuras, diagramas e esquemas, enquanto outros conseguem mais a partir de informações verbais – explicações orais ou escritas. Uns preferem aprender ativa e interativamente, outros já tem uma abordagem mais introspectiva e individual. Nesse contexto Felder (2002) denomina os estilos de aprendizagem como uma preferência característica e dominante na forma como as pessoas recebem e processam informações, considerando os estilos como habilidades passíveis de serem desenvolvidas.

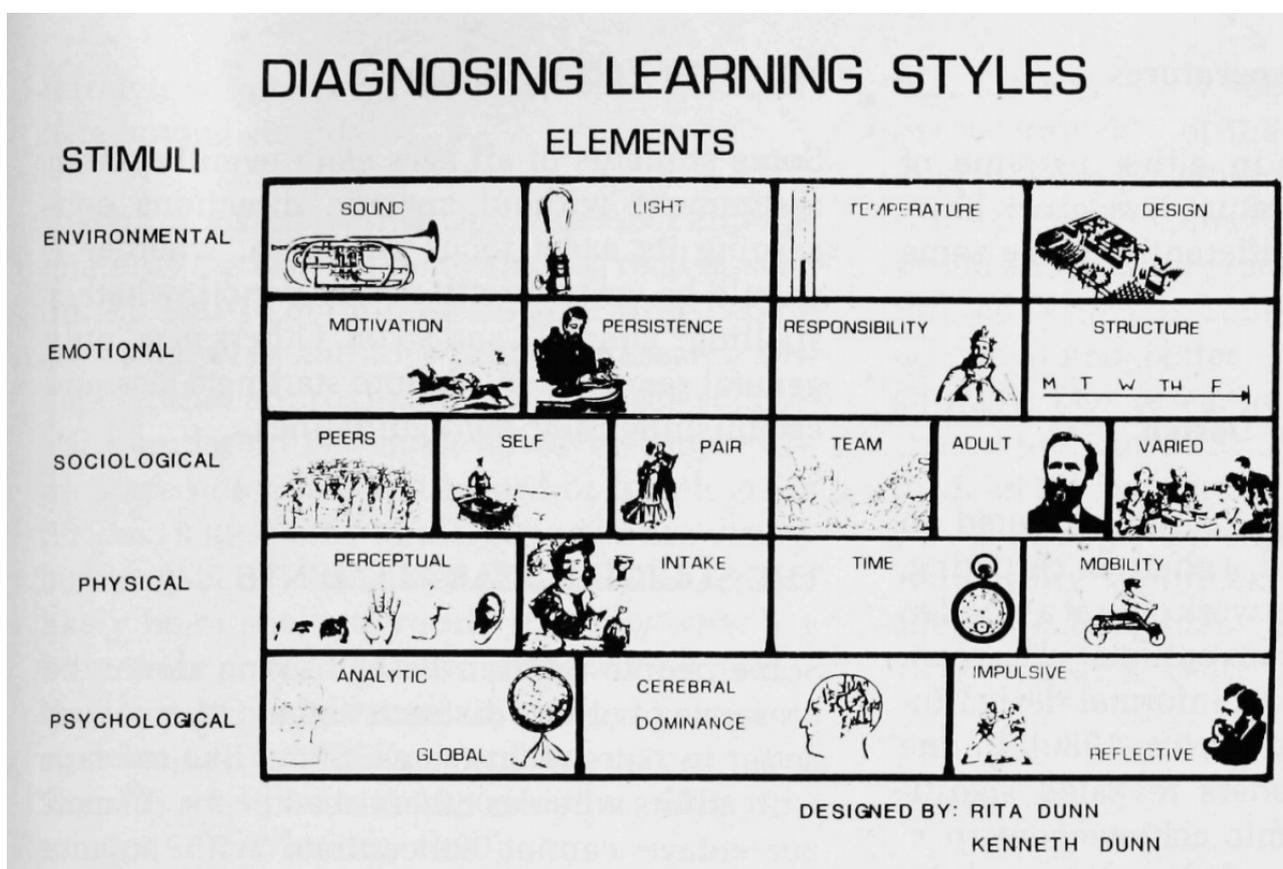
Outra possibilidade é o conceito elaborado por Keefe (1988), retomado por Alonso *et al* (2002, p. 104), no qual ele define que “estilos de aprendizagem são os traços cognitivos, emocionais e fisiológicos, que servem como indicadores relativamente estáveis de como os alunos percebem, interagem e respondem aos seus ambientes de aprendizagem”. Isto é, os fatores de diversa natureza, como: físico, ambiental, cognitivo, afetivo, cultural e socioeconômico influenciam o processo de aprendizado, ora de forma eficaz ora de forma insuficiente para os sujeitos cognoscentes. Compreender como tais fatores nos atingem, entender nossos processos internos de aprendizagem e aprendermos como aprender, agora tais caminhos se apresentam de forma muito singular nos indivíduos quanto o processo de aprendizagem em si.

Já para Peter Honey e Alan Mumford (1986) os estilos são definidos como “descrição das atitudes e comportamentos que determinam as formas preferidas de aprendizagem do indivíduo”. Tal definição possui uma grande influência da teoria de Kolb, no entanto ela foca nas ações mais frequentes dos indivíduos visando à formação empresarial. Eles se basearam na *teoria da aprendizagem experiencial* (ciclo que visa à percepção dos conteúdos da aprendizagem e o processamento da mesma) e desenvolveram os estilos *ativo* (experiência concreta), *reflexivo* (observação reflexiva), *teórico* (conceptualização abstrata), *pragmático* (experiência ativa). Vale ressaltar que tal classificação é utilizada até a atualidade. Honey e Mumford (1986) também defendem que a aprendizagem do sujeito cognoscente está relacionada diretamente com todos os estilos em igual proporção.



De acordo com Dunn (1983, p. 496), o estilo de aprendizagem é baseado no conceito de que “os indivíduos diferem significativamente na forma ou (estilos) que eles se concentram em absorver e reter novas informações”. Tal definição compreende ainda “uma combinação de ambiente, emocional, sociológica, física elementos psicológicos que permitem aos indivíduos para receber, armazenar e usar o conhecimento” (DUNN, 1983, p. 496).

Dunn e Dunn (1979) elencaram inicialmente 18 elementos, mas posteriormente foram acrescentados mais 6, totalizando 24 elementos (ver figura 1) diferentes envolvidos no diagnóstico de um indivíduo quanto ao seu estilo de aprendizagem e sugeriram que a maioria dos indivíduos tem entre seis e quatorze elementos/estímulos que afetam fortemente seu estilo de aprendizagem (DUNN, 1983).



**Figura 1:** Elementos e estímulos de Dunn e Dunn (DUNN, 1983, p. 497)<sup>1</sup>

<sup>1</sup> *Ambiente:* som, luz, temperatura, desenho; *emocional:* motivação, persistência, responsabilidade, estrutura; *sociológico:* par, eu, amigos, equipe, adulto, variedade; *fisiológico:* percepção, alimento, tempo, movimento; *psicológico:* global, analítico, hemisférios, impulsivo, reflexivo (tradução nossa).

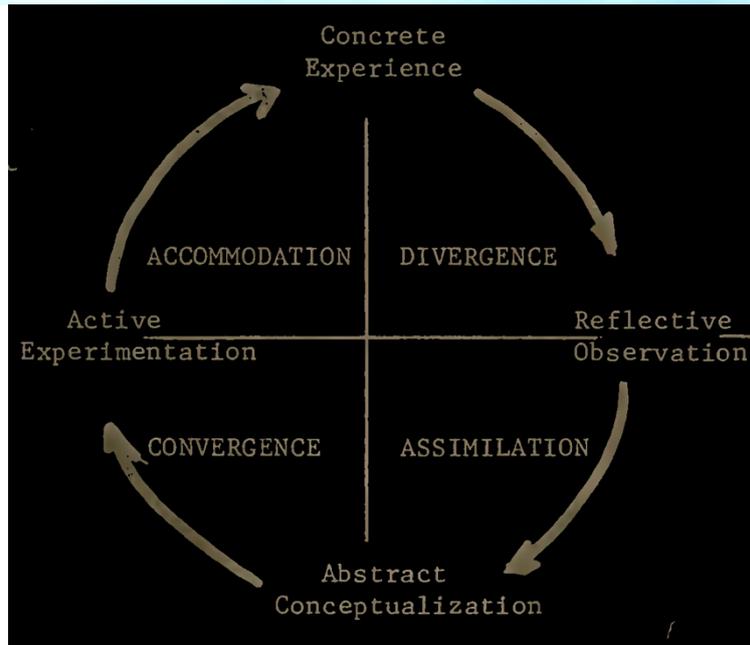


O modelo de Dunn e Dunn (1979), também abordado por Dunn, Dunn e Price em 1979, é significativo por incorporar as seguintes variantes na composição dos estilos de aprendizagem: *estímulos sociológicos*, tais como figuras detentoras de autoridade (professores e direção da escola), colegas e relacionamento com o grupo; *estímulos ambientais*, dentre elas condições de acomodação (mobiliário), iluminação, temperatura e acústica; *estímulos emocionais*, tais como motivação, persistência, responsabilidade e estrutura; *estímulos físicos*, dentre elas hora do dia, mobilidade, percepção e alimentação (bebidas e comidas); *estímulos psicológicos/cerebrais*, que envolvem a utilização de pensamento analítico e global, capacidade de reflexão e nível de impulsividade.

Hunt (1979) conceitua os estilos de aprendizagem, de modo diferenciado, como: “as condições de ensino em que um aluno está, e qual a melhor situação para aprender, ou de que estrutura precisa para aprender melhor”. Nesta assertiva, o autor busca alinhar os fatores externos como infraestrutura, por exemplo, a fim de possibilitar uma situação de aprendizado mais “ideal”. Ou seja, a aprendizagem – nessa contextualização - não depende apenas da dedicação do sujeito epistêmico, nem das estratégias docentes.

No início da década de 70, o grande destaque sobre os estilos de aprendizagem se dá com David A. Kolb. Ele os define ao dizer que o melhor modo de aprender para o sujeito epistêmico é por meio da própria experiência, da herança genética e das exigências do ambiente no qual está inserido, e a aprendizagem se dará no decorrer dos anos, ou seja, quanto mais velho ficamos, mais aprenderemos (KOLB, 1971). Seu conceito não teve muitas modificações, como podemos perceber em um artigo publicado em 2005: “a criação de conhecimento através da transformação da experiência é que distingue os estilos de aprendizagem que estão relacionados a diferentes formas de conhecimento” (KOLB; KOLB, 2005, p. 26).

A busca por esta experiência gera a *teoria da aprendizagem experiencial* que é um ciclo que visa à percepção dos conteúdos da aprendizagem e o processamento da mesma por intermédio da *observação reflexiva* (apreciam diversos pontos de vista), *conceptualização abstrata* (se utilizam de conceitos, de ideias e da própria lógica), *experimentação ativa* (aceitam diversos riscos para atingir seus objetivos) e a *experiência concreta* (se relacionam bem com as pessoas). Tais características da aprendizagem se transformaram nos *estilos de aprender: divergente* (imaginação, observadores), *assimilador* (teoriza, aprende com ideias abstratas), *convergente* (aplicações práticas, tomar decisões) e *acomodador* (aprendem com a experiência, aceitam os riscos) (ver figura 2).



**Figura 2:** Modelo de aprendizagem experiencial (KOLB, 1973, p. 15)

No começo do século XIX, exatamente em 1923, o psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung publica o livro “Tipos psicológicos”, no qual aborda a *teoria da individuação* que é considerada como

o processo de formação e particularização do ser individual e, em especial, é o desenvolvimento do indivíduo psicológico como ser distinto do conjunto, da psicologia coletiva. É portanto um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento da personalidade individual. (...) Uma vez que o indivíduo não é um ser único, mas pressupõe também um relacionamento coletivo para sua existência, também o processo de individuação não leva ao *isolamento*, mas a um relacionamento coletivo mais intenso e mais abrangente (JUNG, 2011, § 853. Grifo do autor).

Jung (1923/2011)<sup>2</sup> define algumas formas de atitude do sujeito epistêmico, por exemplo: a *introversão* - tentativa de compreensão do mundo antes de experimentá-lo; e a *extroversão* – existe a possibilidade do ambiente externo influenciar a aprendizagem por meio das experiências pessoais. Tais características correlacionam-se diretamente com o modelo de *observação reflexiva* e *experimentação ativa* de Kolb (1971).

<sup>2</sup> O livro *Tipos psicológicos* foi publicado originalmente em 1923, no entanto a Editora Vozes lançou sua 7ª edição em 2011. Esta última foi a edição utilizada para a elaboração deste artigo.



## **Considerações finais**

Como discorremos neste artigo, existem inúmeras definições para o conceito de estilo de aprendizagem, aliás, é muito difícil encontrarmos uma definição única que traduza ou explique adequadamente aquilo que é comum a todos os estilos de aprendizagem encontrados na literatura atual. Esta dificuldade se deve ao fato de se tratar de um conceito que vem sendo abordado a partir de perspectivas bem diferentes. Geralmente, a maioria dos autores aceita que o conceito de estilo de aprendizagem se refere basicamente a marcas ou modos pessoais que indicam as características e as maneiras de se aprender. Além do que, a utilização dos elementos que compõem as pesquisas desenvolvidas acerca das teorias de aprendizagem aumenta na mesma proporção em que as tendências de estilos vão se configurando ao longo dos anos.

Neste trabalho privilegiamos os estilos de aprendizagem com base na experiência, categoria na qual se encaixam as definições de estilos que levam em consideração a experimentação, a prática, os aspectos sociais e o descobrimento por meio dos sentidos (OSPINA; DUQUE; CORREA, 2013).

Pudemos também perceber a evolução da definição dos estilos de aprender, saindo do campo meramente psicológico de Jung (1923/2011) e voltando-se para o âmbito acadêmico (nível médio e superior) com Kolb (1971). Estas teorias levavam em consideração principalmente o ambiente externo e as experiências dos sujeitos epistêmicos, algo ainda muito amplo que Hunt (1979) vai especificando um pouco mais ao focar nas condições de ensino, na qual o sujeito cognoscente se encontra. A partir de Honey e Mumford (1986), o conceito se direciona para as ações realizadas pelo próprio indivíduo, logo Keefe (1988) complementa com as características emocionais e fisiológicas. Felder (2002) acrescenta que os estilos são habilidades passíveis de serem desenvolvidas, mas não necessariamente todos desenvolverão da mesma forma. Assim, percebemos que é por meio da aprendizagem que o indivíduo se apropria de algo novo, apreende novos conhecimentos, de modo que este passa a fazer parte dele.

É impossível definirmos qual seria o melhor conceito, já que dependendo da contextualização um ou outro poderia ser o mais adequado, no entanto o aprofundamento deles se faz necessário a fim de que os compreendamos de modo mais claro no que se refere à parte conceitual, teórica e metodológica para quem esteja interessado nesse tema.



## Referências bibliográficas

ALONSO, C. M.; GALLEGO, D. J. y HONEY, P. **Los estilos de aprendizaje: procedimientos de diagnóstico y mejora**. Bilbao: Mensajero, 2002.

DUNN, R. S.; DUNN, K. J. **Learning styles/teaching styles: should they...can they...be matched?** Educational Leadership, v.36, p.238-244, 1979.

Dunn, R.; Dunn K.; Price, G. **Learning style inventory**. Lawrence KA: Price Systems. 1979.

DUNN, Rita S. **Learning Style and its Relation to Exceptionality at Both Ends of the Spectrum**. April, 1983. Disponível em:  
<<https://spf665instructionaldesignassess.wikispaces.com/file/view/Dunn+Learning+Style+and+Exceptionality.pdf>>. Acesso em: 24 maio 2016.

Felder, Richard M. Learning and teaching styles in engineering education. **Engr. Education**, 78(7), p. 674–681. June, 2002. Disponível em:  
<<http://www4.ncsu.edu/unity/lockers/users/f/felder/public/Papers/LS-1988.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Honey, P. and Mumford, A. **The Manual of Learning Styles**. Peter Honey Associates, 1986.

HUNT, D. E. Learning styles and student needs: as introduction to conceptual level. *In*: NASSP. **Students' Learning Styles: diagnosing and prescribing programs**. p. 27 – 38. Reston, Virginia: National Association of Secondary School Principals, 1979.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. Petrópolis: Vozes, 2011.

Kolb, Alice Y.; Kolb, David A. **The Kolb Learning Style Inventory - Version 3.1**. Technical Specifications. 2005. Disponível em:  
<[http://learningfromexperience.com/media/2010/08/Tech\\_spec\\_LSI.pdf](http://learningfromexperience.com/media/2010/08/Tech_spec_LSI.pdf)>. Acesso em: 30 maio 2016.

Kolb, David. A. **Individual learning styles and the learning process**. Sloan School of Management, Massachusetts Institute of Technology, 1971.

\_\_\_\_\_. **On Management and the Learning Process**. Sloan School of Management, Massachusetts Institute of Technology, 1973.

MEZZARROBA, Orides. **Manual de metodologia da pesquisa no direito**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 7 – 10.

PANTOJA OSPINA, Martín Alonso; DUQUE SALAZAR, Laura Inés; CORREA MENESES, Juan Sebastián. Modelos de estilos de aprendizaje: una actualización para su revisión y análisis. **Rev.**



**III CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
E D U C A Ç Ã O

colomb. educ., Bogotá , n. 64, p. 79-105, Jan. 2013 . Available from  
<<http://www.scielo.org.co/pdf/rcde/n64/n64a04.pdf>>. Acesso em: 10 jun 2016.

TRAINA, Agma Juci Machado; TRAINA Jr., Caetano. Como fazer pesquisa bibliográfica. **SBC Horizontes**. v. 2, n. 2, agosto 2009. Disponível em: <  
<http://www.univasf.edu.br/~ricardo.aramos/comoFazerPesquisasBibliograficas.pdf>>. Acesso em: 28 agosto 2016.